

DIÁLOGOS COM OS INTELLECTUAIS

ENTREVISTA COM

HELENICE RODRIGUES DA SILVA

Helenice Rodrigues da Silva é doutora em História pela Universidade de Paris X (Nanterre). Dentre vários títulos é autora dos livros *Texte, action et histoire – réflexions sur le phénomène de l'engagement*, Paris, L'Harmattan, 1995 e *Fragmentos da História Intelectual – entre questionamentos e perspectivas*, Campinas, Papyrus, 2002. Coordenou seminários na École des Hautes Etudes em Sciences Sociales e trabalhou como pesquisadora-associada do Centre National de la Recherche Scientifique, França. Atualmente, é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. De Paris, onde desenvolve pesquisa de pós-doutoramento junto ao Institut d'Histoire du Temps Présent (CNRS) concedeu esta entrevista a *Mediações*.

Mediações — Sua formação inicial inclui a graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, e, depois disso, um percurso contínuo de quase trinta anos pela cultura universitária francesa. Poderia nos falar um pouco dos primeiros anos de sua formação, das motivações de sua transferência para a Europa, das dificuldades e das recompensas de seus longos anos franceses?

Helenice Rodrigues da Silva — Confesso que esse exercício, que se assemelha, em parte, à uma “ego-história” é, para mim, um pouco inabitual, uma vez que ele tende a *mettre-en-scène* o autor, atribuindo um grande papel à subjetividade. No entanto, penso que, com o passar dos tempos e com os “eternos retornos” (encontre-me atualmente na França, com uma bolsa de pesquisa da Capes), reativamos memórias e valorizamos as experiências de vida.

A minha vinda à Europa, nos anos 1970, inscreve-se no contexto histórico dos chamados “trinta gloriosos”, na França, e da ditadura militar,

no Brasil. A conjuntura era, portanto, favorável às viagens de estudos ao exterior. Desde os meus primeiros anos na universidade brasileira, tencionava prosseguir os estudos na França, país com o qual me sentia culturalmente mais próxima. Terminando a graduação, obtive uma bolsa (algo raro, na época, na área das ciências humanas) do Ministère de l'Education français, para fazer uma especialização em história da França contemporânea. Inicialmente, estudei na Université de Franche-Comté (em Besançon), onde redigi, a partir da imprensa local, uma dissertação sobre a política colonialista francesa durante a Terceira República (final do século XIX). Em seguida, dando seqüência à pós-graduação, inscrevi-me na Universidade de Paris X — Nanterre. No mestrado (o chamado “doctorat de troisième cycle”), minha dissertação teve por tema o pan-germanismo e as missões militares estrangeiras no Brasil anteriores à Primeira Guerra Mundial. No doutorado, (o chamado “Doctorat d'Etat”, que obrigava o pesquisador,

nessa época, a um mínimo de cinco anos de trabalho), meu objeto de estudo exigiu conhecimentos em outras áreas. Trabalhando com a História Intelectual, ou seja, com o discurso intelectual e o engajamento político contra a guerra da Argélia, percebi as minhas deficiências em termos filosóficos, sociológicos e lingüísticos. Portanto, data do final dos anos 1970 o meu interesse por essas respectivas áreas. A partir de 1984, ano da fundação do Collège International de Philosophie, passei a seguir regularmente seminários pluridisciplinares. Finalmente, após terminar o doutorado, ingressei como pesquisadora-associada no laboratório “Communication et Politique” do Centre National de la Recherche Scientifique.

Revisitando o passado, acredito que as dificuldades contribuem a forjar valores e a fortalecer o espírito. Como toda experiência de “exílio”, a vivência no estrangeiro implica rupturas, solidão, mas, ao mesmo tempo, ela permite uma transculturação. O grande trunfo do “exilado” é a possibilidade de assimilar uma outra cultura, ou melhor, a necessidade de se abrir ao outro; a grande dificuldade: a necessidade permanente de provar, face às afirmações identitárias, as suas potencialidades. Sem dúvida, há 30 anos, a vida intelectual francesa, marcada pelo dinamismo de sua produção e pela intensidade dos debates políticos e filosóficos, exercia grande atração e interesse.

Mediações — Em Paris você teve a oportunidade de assistir aos seminários de inúmeros intelectuais franceses de expressão internacional e, inclusive, a chance de trabalhar e dialogar diretamente com alguns deles. Quais dessas experiências foram decisivas em sua carreira? Quais os exemplos de vida profissional mais lhe tocaram?

HRS — Guardadas as proporções, os seminários em instituições, tais como o Collège de France, o Collège International de Philosophie, a École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, por exemplo, constituíram e ainda constituem

um dos pontos fortes da vida intelectual francesa. Desde o final dos anos 1970, segui alguns desses “foruns”, procurando conhecer um pouco melhor o pensamento de alguns intelectuais (Foucault, por exemplo). Naquele momento, os Annales ditavam as grandes linhas de pesquisa impondo diretivas metodológicas. Duby, em História Medieval e René Rémond, em História Contemporânea, se distinguiram pela abordagem do político e do acontecimento. Os seminários de François Bédarida no quadro do Institut d'Histoire du Temps Présent, na primeira metade dos anos 80, despertou-me o interesse para uma outra área: a epistemologia da história do presente. A teoria bourdiana (“habitus” e “campo”), apesar de certos determinismos, contribuiu para melhor trabalhar a sociologia dos intelectuais.

Em termos intelectuais e humanos, admirava a modéstia de Georges Duby, a abertura de espírito de Michel de Certeau, a capacidade de síntese de Paul Ricoeur. Essas três qualidades me pareciam indissociáveis da condição de um verdadeiro intelectual. No entanto, concordo com Georges Steiner quando diz que ele não teve “maîtres à penser” mas “maîtres à lire”.

Mediações — Acerca de suas influências teóricas, quais são as que você considera as mais importantes na sua formação? Quais obras e autores foram decisivos em suas reflexões? Quais temáticas têm absorvido sua atenção ao longo dos últimos vinte anos?

HRS — Num país onde a vida cultural é tão centralizada como na França, os paradigmas intelectuais tendem a exercer grande influência. No momento em que redigia minha dissertação de mestrado, a referência ao marxismo e ao freudianismo eram quase obrigatórias, enquanto que na redação da tese, com as mudanças de paradigma (a entrada do cognitivismo, vindo dos Estados Unidos), as análises de discurso exigiam, por parte do pesquisador, um certo conhecimento dos atos e das teorias de linguagem (Searle e Austin).

Entretanto, o acesso a algumas obras filosóficas e sociológicas não me autorizava a sair do meu domínio da História, sobretudo porque me faltava uma maior formação nessas respectivas áreas. As inúmeras lacunas na minha formação me forçavam a seguir seminários pluridisciplinares e a ler certos autores.

Quanto às pesquisas históricas, a história do presente (contemporânea) e a epistemologia da história sempre me interessaram como eixos de análise, onde o político se conjugava ao intelectual. Nos meus projetos mais recentes procurei focalizar a memória e a história por meio das comemorações. No que diz respeito às temáticas a serem desenvolvidas, a história intelectual e a história dos intelectuais (brasileira) oferece um leque de possibilidades. No momento atual, estou trabalhando, no Institut d'Histoire du Temps Présent, como pesquisadora associada, com o fenômeno do exílio e com a cultura política (regimes ditatoriais), que, intrinsecamente, inserem a concepção atual da história como memória do seu tempo.

Mediações — Como você sintetizaria os pressupostos centrais da História Intelectual? Gostaria que você esclarecesse o que compreende como próprio deste campo historiográfico e quais são os traços que acentuam a sua singularidade em relação a domínios limítrofes das Ciências Humanas. Em suma, qual o território próprio da História Intelectual e quais as possíveis questões compartilhadas, por exemplo, com a Filosofia, com a Sociologia ...?

HRS — Nos meus escritos sobre essa área tenho tentado questionar as condições de possibilidade e os espaços possíveis de sua aplicação. Em razão mesmo da pluralidade de sua abordagem, penso que a “indeterminação epistemológica” (François Dosse) constitui um dos seus principais pressupostos. Como Carl Skorske (autor de *Viena, fin de siècle*), considero que toda análise em História Intelectual mereceria ser diacrônica e sincrônica. A abordagem de um espaço cultural

e de um tempo histórico, em História Intelectual, implica no cruzamento de linhas diametralmente opostas. Em outras palavras, a história conceitual do político, por exemplo, pode fornecer subsídios para se entender melhor a produção dos intelectuais; paralelamente, a História Cultural permite a apreensão das idéias e valores políticos de uma determinada época. As correntes filosóficas, os esquemas de pensamento (“habitus”), as escolas históricas, as instituições de ensino, os diferentes “campos”, constituem alguns dos objetos, entre tantos outros, desse domínio de análise, marcado pelas imbricações de disciplinas.

Mediações — Sobre o seu retorno ao Brasil, o que motivou esta decisão, no plano profissional? Em seu retorno, quais as principais dificuldades de readaptação ao nosso ambiente universitário? Que fatores considera como as principais diferenças entre o ambiente acadêmico nacional e o francês? Em outros termos, o que é ser pesquisador e professor universitário no Brasil e em um dos países mais avançados da Europa que, inclusive, possui um Ministério específico para gerir o sistema universitário?

HRS — A possibilidade de viver uma outra experiência em termos profissionais como, por exemplo, ensinar durante um ano no Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (com uma bolsa da Fapesp), me levou a pedir um afastamento no CNRS, onde tinha contratos. Nessa primeira metade dos anos 90, a França conhecia uma das piores crises de sua história recente e as condições de trabalho deixavam a desejar. Todavia, a volta ao Brasil, ou seja, a readaptação ao país de origem significou, para mim, uma espécie de “segundo exílio”, em razão mesmo das inevitáveis diferenças culturais e intelectuais. O sentimento de estranheza marcou os primeiros anos no meu ambiente de trabalho, os “habitus” eram distintos e as regras do jogo desconhecidas. O mundo da pesquisa, de onde

vinha, muito distante do mundo acadêmico (sobretudo brasileiro), impunha um tempo de reflexão. Ora, na universidade brasileira, o excesso de atividades burocráticas, que se sobrepõem umas às outras, dificulta uma verdadeira atividade intelectual. Estranhava as imposições, vindas de Brasília, em termos de avaliações de produção, privilegiando o quantitativo em detrimento do qualitativo.

Mediações – Seu último livro, Fragmentos de História Intelectual (Editora Papyrus, 2002), revela-se como uma autêntica iniciativa bissexta, uma raridade no mercado editorial brasileiro, sem sombra de dúvida. Talvez pudéssemos afirmar que seu livro soa quase como um exotismo em meio a um ambiente editorial dominado por temas nacionais, naquilo que diz respeito à pesquisa historiográfica. É difícil publicar livros no Brasil? Quanto a esta questão, quais as principais diferenças que você observa em relação a Brasil e França, por exemplo? Pensando no universo acadêmico brasileiro, quais são os autores que têm trazido contribuições para o desenvolvimento de uma História Intelectual? Entre nós, como anda a produção na área?

HRS – Não penso que se trata de uma “raridade”. No entanto, concordo com a sua opinião sobre a tendência editorial brasileira, dominada pelas temáticas nacionais. Aliás, vista do ângulo europeu, a produção historiográfica brasileira parece muito restrita à realidade histórica brasileira. Ao contrário da França e dos EUA, praticamente, não existe, no Brasil, historiadores especialistas em historiografia estrangeira. Nessa época de globalização, sinônimo de uma maior circulação das idéias, a produção intelectual brasileira ganharia uma

maior visibilidade se se tornasse mais “mundializada”. Da mesma maneira, penso que a disciplina História Contemporânea, trabalhada no Brasil, necessita se abrir mais aos acontecimentos mundiais e ao momento presente, deixando o enfoque do nacional, exclusivamente, para a disciplina História do Brasil.

A História Intelectual constitui um canteiro de obras a ser laborado coletivamente, pelas diferentes disciplinas. Os livros coletivos, como *Grandes nomes da história intelectual*, publicado no ano passado pela Editora Contexto, e que percorre diferentes épocas, abrem pistas para novas contribuições. O diálogo entre os autores, vindos de horizontes distintos, é imprescindível.

Mediações – Além da docência, você desenvolve várias outras atividades. Fale-nos um pouco da sua trajetória profissional recente, e dos trabalhos que tem desenvolvido. Em quais projetos tem trabalhado atualmente?

HRS – Em linhas gerais, a pesquisa que estou desenvolvendo, atualmente na França, vincula-se a duas temáticas que, aliás, vêm sendo trabalhadas em seminários na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales e no Institut d’Histoire du Temps Présent. A primeira: o fenômeno do exílio; a segunda: os sistemas políticos não pluralistas. Aliás, o exílio constitui um dos componentes da história intelectual do século XX. Trata-se de um trabalho sobre os intelectuais brasileiros e chilenos na França durante os anos das ditaduras militares. Participo também da elaboração de uma obra coletiva sobre história intelectual e interculturalidade. No Brasil, eu teria grande interesse em desenvolver uma pesquisa, de caráter coletivo, sobre a história dos intelectuais a partir dos anos ditatoriais, período que me parece ser pouco pesquisado.

Entrevista concedida a Marcos Antônio Lopes no mês de Junho de 2004.